



ACADEMIA RIBEIRÃO PRETANA DE LETRAS - ARL

www.jperegrino.com.br

Ribeirão Preto - SP - Ano III - Nº 10 - Setembro/2004

Duas Cartas

Ely Vieitez Lanes (*)



“Querida leitora,
Tu já viste um ipê branco enlouquecido de flores? Não é apenas uma floração branca, absurdamente bela, é uma alva e abundante metáfora do capricho de Deus. Por que e para que tão belo assim?!
Naquela manhã abri a janela e caí em um alumbramento que só as perfeições propiciam. O céu, cúmplice, esmaltou-se de azul, um

céu de brigadeiro, de opala. Fiquei muito tempo embevecida, com a alma em êxtase, diante do quadro único. O que fazer em um dia assim, diante de um ipê branco assim? A única coisa que me permitiu a alma, foi escrever um poema. Que ao menos eu tentasse captar aquele momento.

O céu enlouquecido de azul / o ipê florido / transbordo de brancura / láctea leveza de borboletas. // O contraste é aviso aprilino / mês sortilégio / abundância. A esperança reverdece / ou esverdinha, maculada / pela envenenada desconfiança? // Os homens, sinédoque mutilada / são ouvidos moucos, ou surdos? / Vivem de artimanhas rodeados perdendo mágicas mensagens / de um Deus pródigo e distraído.”

“Há episódios, caríssima leitora, que valem por uma vida. Escuta. Resolvi ir às compras, visitar a amiga doente, e por que não? Talvez até ver um bom filme. Avisei Gabriel que só voltaria à noite. Eram nove horas da manhã. Ele, ao contrário, iria escrever uns relatórios, ler, estudar. Não sairia de casa.

Quando pus os pés na rua, minha alma me puxava de volta pra dentro de casa, para o ipê branco, para Gabriel. Esforcei-me, tomei um táxi, consegui fazer alguma coisa até às dez horas. Venceu o coração, a visita que esperasse, idiota ir ao cinema sozinha. Mas não foi sempre assim? Por que refugava agora o coração? Voltei para casa com a euforia de quem entra em seu feudo, reconhece o seu chão, pura alegria.

A casa parecia totalmente vazia. Atravessei-a, o silêncio, um perfume, melodia. Onde estaria Gabriel? Subi até seu quarto. Chego à janela e me quedo muda, extasiada diante do quadro perfeito. Belo como um deus grego, ele, nu, deitara-se sob o ipê florido. Dormira. Em uma das mãos, o livro entreaberto, enquanto o sol doirava seu corpo belo. Linda e estranha cena! Por que ela me parecia tão conhecida? Como explicar a semelhança do magnífico quadro, idêntico ao poema escrito, dez anos antes?! Inebriado com a sensação do ‘dejà vu’, veio-me à memória meu poema. Premonição? Antevisão?

Teu corpo, meu Amado, / tem doçuras, maciezas / de forno branco, massa nova, / folha tenra, / terra fofa / esperando grãos. / Os braços se abrem em delta, floresta escura de pêlos macios, / como paina na

penumbra. / O ventre, / leve côncavo, trêmulo, / lago castanho de doce tato. O sexo dorme tranqüilo, / pássaros em descanso, / asa emoldurada / por conchas róseas, de crepe / de seda viva. / Do torso fluem as pernas, / contraste arredondado / feito de nervos tensos / cordas / com sinuosidades de algodão macio, reentrâncias mornas. / Os pés - pássaros em vôo - / espalmam-se com doçura e calma, coroados pelos dedos finos / e unhas transparentes. / Minha alma repousa / e bebe sua imagem, / deus horizontal e frágil, / alimentos e refrigério.”

(*) *Do romance Cartas a Cassandra. Estas duas cartas são uma amostra da poesia que o leitor vai encontrar nesta obra magnífica. É um romance epistolar que possui um fio narrativo: a tese de que “toda mulher é Cassandra”. São cartas que se permitem ler como pequenos contos. A partir da tese, a autora cria uma narradora e uma interlocutora. Do relacionamento intenso entre as duas, desenvolve-se um questionamento de fundo existencialista que aborda problemas da juventude à velhice ao longo de mais de sessenta cartas. É um romance de expiação e redenção pelo sofrimento.*

Eu e a Barão do Amazonas Antônio Carlos Tórtoro (*)

Alguma coisa acontece no meu coração quando cruzo a Prudente com a Barão: a Prudente de Moraes, do meu antigo Estadão e a Barão do Amazonas, da saudosa Bela Cecília.

Depois descendo, rumo ao “Quarteirão Paulista”, outra esquina, onde eu costumava virar à esquerda, para ir, diariamente, até a biblioteca Altino Arantes: a Barão com a Duque de Caxias esquina da Praça Carlos Gomes e da antiga Câmara Municipal - hoje o MARP.

A Barão do Amazonas, na minha vida, é passagem e parte de um rito, porque nessa rua da cidade, e perto de suas esquinas, encontram-se peças do grande

mosaico de pequenos fatos em que minha vida se transformou após quase sessenta anos.

Na esquina com Lafaiete, lembranças da primeira professora no 1º Grupo Escolar Guimarães Jr: ternos e inesquecíveis momentos. Na esquina da General Osório, o Cine Centenário e as cenas do filme a que não assisti, inebriado, ao lado da primeira e única namorada, e, quase na esquina da Florêncio de Abreu, o Colégio Metodista e a marca indelével da primeira aula que ministrei.

Lembranças, todas, ainda muito vivas, e que escorrem, como água de cheiro, pelas frestas da Pedra Doce de minha juventude que não volta mais.

(*) **Presidente da ARL e ARE.**

Galeria no “Movimento das Artes”



A 1ª Galeria “EM FOCU” Movimento das Artes, iniciada em 29 de junho de 2004, www.movimentodasartes.com.br, apresenta um trabalho importante realizado pelo Grupo Amigos da Fotografia, com exposição de trinta e quatro fotos de dezesseis profissionais que, com olhar artístico, apresentam um pouco do passado arquitetônico

de Ribeirão Preto, com textos poéticos de Antônio Carlos Tórtoro (Presidente da ARL - Academia Ribeirão Pretana de Letras). Esse trabalho esteve exposto no Centro Cultural Palace (Antigo Hotel Palace) de 18 a 27/06/04, durante a 4ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto. Vale a pena navegar no site acima.

www.paraler.com.br

Ribeirão Shopping

PARALER

LIVRARIAS

Papelaria - Livros - Café - Cd's - Informática

623.4909 / 610.0379 / 610.9595 / 3342 5299



Tel.: 621 6442 / 623 7120

Homeopatia, Produtos Naturais,
Medicamentos, Fórmulas, Produtos
Dietéticos, Florais.

Sob responsabilidade técnica da **Dra. Maria Regina Pavaneli**,
farmacêutica com experiência de 17 anos em homeopatia
e manipulação de fórmulas

Fácil Estacionamento - Entregas em domicílio

e-mail: homeofenix@uol.com.br

R Newton Stilac Leal, 70/74 Jd. Irajá - Rib. Preto - SP
Continuação da Av Leais Paulistas esquina c/ Galileu Galilei

Rio Abaixo

Nilva Mariani (*)



É o título do último livro de Wilson Roveri que, hoje, estaria completando setenta e seis anos, não tivesse ido, também (usando as mesmas palavras dele) “rio abaixo tranqüilo, passar pela curva do caminho, até chegar ao fim, que é o imenso mar de felicidade divina, no mundo dos anjos dos nossos sonhos de criança”.

Uma pessoa de sua família disse-me que ele era um ser tão especial que agora lamentava não ter desfrutado mais de sua companhia. Se soubesse que ele iria embora...

Todos nós da ARL - Academia Ribeirão-pretana de Letras e da OVJ - Ordem dos Velhos Jornalistas lamentaremos sempre sua ausência física, pois sua presença será permanente na saudade, nas recordações de suas brincadeiras,

de suas incríveis “efemérides” que nos divertiam tanto, de seu companheirismo leal e fraterno.

Infelizmente ninguém sabe o “prazo de validade” de cada um, mesmo quando chegamos “até a curva, aonde a gente vai firme, com direito até de sonhar um pouco, só que adiante da curva ninguém sabe o que nos espera”. Por isso todos nós deveríamos desfrutar sempre a companhia das pessoas que amamos, para não termos remorsos depois, como tantas vezes acontece.

Até a curva ele chegou e com que brilho, deixando para todos os que o conheceram muitos exemplos a serem seguidos, “para confirmar que, com trabalho tudo era possível alcançar, desde que os objetivos não fossem muito altos”. E um desses objetivos “era chegar ao fim sem ter vergonha de olhar para trás (...); isso foi uma rigorosa filosofia de uma vida inteira. Diz minha consciência que posso ir em paz, estou liberado, nada grave a confessar ou reclamar”.

A grandeza de sua alma era tanta que confessa ter escrito este livro Rio Abaixo “para agradecer a Deus por ter-me dado tanto sem pedir nada de volta” e poder “dizer convictamente, com a certeza plena de quem viu e gostou, que um bom começo de vida geralmente leva a um final feliz”.

Acreditamos que ele o tenha tido, e, para finalizar minha singela homenagem, nada melhor do que transcrever alguns de seus pensamentos extraídos desse mesmo livro e que traduzem bem a pessoa especial que ele foi para sua família e para os amigos e colegas que o amavam e respeitavam.

“Felicidade é a soma dos bons momentos e a gente só descobre depois que foram. Felicidade existe sim, é só lembrar.”

“Feliz é o homem que olha para trás e não tem remorso de nada. Espírito leve sobe mais depressa para falar com as estrelas.”

“Se não fosse a curva do caminho, a reta não teria nenhum valor, não haveria surpresa nem vitória final no resto da estrada.”

“Para ser alguém na vida tem de estudar muito e ocupar seu espaço. Estudando, tudo fica mais claro e menos complicado”,

“Não esperar nada de ninguém que a conquista do espaço só vem com o trabalho. Trabalho contínuo atrai ajudas inesperadas”.

Até um dia, amigo.

(*) Membro da ARL, ARE e da OVJ

Triângulo Escaleno

Nilva Mariani (*)



Segundo a geometria, é o que tem todos os ângulos e lados desiguais, tal como este: governo, leis e povo. O lado e o ângulo maior pertencem aos governos que fazem as leis (que não cumprem) que prejudicam o povo, o menor ângulo. Mas este é o que, na verdade, sustenta o maior, com seu trabalho. E pagando caro (em vez de recebendo), porque vive desfavorecido.

Nas últimas semanas, as notícias e protestos que colhi dos jornais são tão expressivos que dispensam acréscimos que eu poderia fazer a este texto. Vejamos: “Impune, governo não paga indenizações”; “... em quase 500 casos o beneficiário morreu sem receber” (os precatórios), mas “a Constituição determina que o pagamento seja feito até um ano após a sentença” e que “os pagamentos de pequenos valores (...) devem ser pagos imediatamente após a definição da sentença judicial”. “No Estado de São Paulo governos têm demorado até sete anos para pagar”. Não estão bem informados, eu mesma tenho processo de 1993, precatório de 1998.

E depois o vilão é o funcionário público. Ele que onera o Estado, que quebra a Previdência, etc... “Os precatórios só existem porque o Estado cometeu alguma ilegalidade”. A intervenção federal apoiada pelo ministro Marco Aurélio de Mello foi afastada pelo STF. A quem pedir socorro, então? Não há mais ninguém.

Brilhou, porém uma luz no fim do túnel - esperamos que não apague. “A ordem dos Advogados do Brasil vai denunciar o caso à Organização dos Estados Americanos” por considerar “a protelação do pagamento de precatórios um desrespeito aos direitos humanos”.

Por outro lado, no âmbito federal, “Lula eleva tributo para pagar aposentados”. O valor será pago parceladamente em até oito anos, a partir de janeiro.

Isso parece piada surrealista. E o Estatuto do Idoso também onde fica? Todos terão de viver pelo menos mais oito anos, se quiserem receber. Aliás, se morrerem antes, melhor, vai sobrar mais dinheiro.

Isso também foi falado quanto aos planos de saúde, porque muitos idosos terão de abandonar os planos por causa do aumento exagerado. Assim, se morrerem, também será melhor para as empresas, porque as pessoas jovens usam pouco os convênios, logo, dão mais lucro.

A esperança são os advogados, novamente: a Associação dos Advogados Criminalistas do Estado de São Paulo vai tentar ajudar. Rezemos pelos nossos advogados. Se eles não tiverem êxito nessas duas tarefas a que se propuseram, daqui a pouco alguém vai querer matar todos os pobres, para zerar a fome, os desempregados para zerar o desemprego e assim por diante, até se instalar o reinado do terror neste país tão lindo e tão mal governado desde sempre.

Uma observação final: não inventei nenhuma das citações, basta ler os jornais do dia doze de julho para cá, e as eleições vêm aí, só para prefeitos e vereadores, é arraiá-miúda, mas devemos ter muito cuidado ao votar, pois vereador e prefeito podem virar ministro e governador, até presidente, já que...

(*) Membro da ARE, ARL e da OVJ

Alguma Coisa Para Sempre...

Tudo flui:

meu/teu corpo

meus/teus pensamentos

meus/teus sentimentos

nossos encontros/desencontros

nossas construções/implosões

nossas utopias/desilusões.

Amanhã diferente do hoje

que distinto já foi do ontem

para o sabor de nossas vidas

que o viver engrandece.

Neste cenário de total alteração das coisas

só uma delas não muda,

Antônio Ruffino Netto (*)

permanece

mesmo uma única coisa sendo,

inspira confiança

ela não é um vir-a-ser,

sempre é... será

a esperança de mudanças.

(*) Membro da ARL e da ARE.

605-7547 ASSOCIE-SE

ACIRP

Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

Fazendo do ser, humano.

Educação Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio

ANCHIETA OBJETIVO

www.anchieta-rp.com.br 623.3301

A Perplexidade Continua

Waldomiro W. Peixoto (*)

Sempre que lemos Clarice Lispector a perplexidade toma-nos por inteiro. Em **A Maçã no Escuro**, a personagem central, Martim, comete um crime - supõe ter matado a esposa - e foge para dar sentido à sua vida que estava - mergulhada na mesmice - à beira do aniquilamento.

A temática - sentido da existência - ocorre também em **A Paixão segundo G. H.** Só que, desta vez, não existe o envolvimento da personagem central com outras personagens, exceto com uma barata esmagada, mas ainda viva, na porta do guarda-roupa, motivo suficiente para deflagrar todo o questionamento da obra: a essência do ato de existir. Janair, a empregada, é mero pretexto para G. H. se situar em seu universo social.

A abertura do romance (?) já revela ao leitor as incertezas e descaminhos por onde passarão todos os questionamentos ao longo do grande monólogo ("... estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender" - observar o uso do gerúndio, recurso lingüístico que a autora usa para sugerir que a busca de G. H. é anterior ao tempo narrativo) até chegar a lugar nenhum, como nos mostra o final da narrativa: "... o mundo independia de mim - esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! nunca mais compreenderei o que eu disser."

No livro **Clarice Lispector**, a autora confessa a Olga Borelli que "viver afinal

de contas, é entre dois nadas: antes do nascimento e depois da morte." Se antes é nada, depois é nada, e durante é incompreensão, o que sobra? Busca apenas. Viver, então é buscar. Encontrar é apenas uma probabilidade. Fora daí é o aniquilamento. Liberto pelo nada, o homem fica à deriva. E se humanizar a vida limita o homem - e este é carente de liberdade - o melhor é não humanizar "Eu estava tão habituada que pensava que latejar era ser uma pessoa. É? Também, também". Humanizar a vida é buscar segurança, é quando "subrepticamente uma nova terceira perna que em mim renasce fácil como capim..." Mas a segurança mata! G. H. não busca a segurança, prefere o risco, mesmo que tudo resulte inútil. Não importa o fim, importam os meios, importa o durante, importa a caminhada, mesmo que o nada seja o destino final.

G. H. busca a vida, em sua plenitude. A vida que se metatiza na barata - esmagada, mas viva! - o seu oposto. Existir para G. H. é um processo em constante mudança que, para ser, vai sendo, contrariamente ao inseto que é, imutável, o mesmo desde sempre. "Há trezentos e cinquenta milhões de anos elas (as baratas) se repetiam sem se transformarem. Quando o mundo era quase nu elas (as baratas) já o cobriam vagarosas." G. H. olhava a barata e não via a barata; via, sim, algo maior, mais completo, mais complexo; via, sim, a vida do inseto, o seu jeito de ser, o ser; via, sim, o existir que ia além, muito

além, da sua pequenez. "O que eu via era a vida me olhando (...) é que eu olhava a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda (...) e eu sentia com susto e nojo que 'eu ser' vinha de uma fonte muito anterior à humana e, com horror, muito maior que a humana". Era a vida restrita a si mesma, na mesma condição de sua origem. Vida intrinsecamente vida. Da barata ou do homem, iguais. A essência transcende o indivíduo.

A barata, esmagada - mas viva! - na porta do guarda-roupa, liberando a massa branca, metatiza a essência da vida se manifestando. "O que nela é exposto é o que em mim eu escondo: de meu lado a ser exposto fiz o meu avesso ignorado". Brota e explode a consciência de existir, do ato de existir em si, do presente absoluto, da vida acontecendo sem fim, sem objetivo, sem transitividade. A vida, assim, agora, era o nada que era o tudo.

A busca obsessiva de um sentido para o ato de existir e o não encontrar tal sentido acaba por desenvolver em G. H. a capacidade de perguntar e a não-capacidade de ouvir a resposta. Daí o seu ato de viver reduzir-se ao ato de buscar, buscar, buscar... As perguntas e as respostas estão latentes no homem, são sentimentos ontológicos, só que as perguntas se revelam e as respostas não. Responder é limitar, limitar é prender, é matar, e o homem tem sede de liberdade e vida. Daí, ele prescinde das respostas, mas não das perguntas. "É mais seguro não fazer jamais perguntas - porque nunca se atinge o âmago de uma resposta. E porque a resposta traz em si outra pergunta. O que é que eu sou?"

Quando G. H. come a massa informe - e viva! - da barata, revela-se o mito de Sísifo que deságua no processo de deseroização, a missão secreta do ato de viver. "A deseroização é o grande fracasso de uma vida. Nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair."

Essa é a chave: nem todos chegam a fracassar, porque fracassar é trabalhoso. O sucesso é atingir a altura de despencar em direção ao abismo.

É por tal motivo que o questionamento de G. H. a leva à grande revelação: desistir. "Desisto, e terei sido a pessoa humana (...) Desisto e quanto menos sou mais viva, quanto mais perco o meu nome mais me chamam, minha única missão secreta é a minha condição".

Se Cristo sofreu e morreu para encontrar a vida eterna, G. H. buscou, questionou, sofreu, passou pela sua via-crúcis, para desistir da vida e, paradoxalmente, descobrir sua essência. Como nos disse Cristo, "... aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, recobrá-la-á" (Mt - 16,25).

A via-crúcis de G. H. é o caminho único para a revelação. "A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio". A vida absolutizada, eis a conquista de G. H. após dolorosa caminhada em direção a si mesma. E "si mesma" pode ser o nada, o vazio - em suma: a essência.

(*) Membro da ARL, ARE e Grupo Flamboyant



Delírio Poético Musical

Antônio Carlos Tórtoro (*)

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e momentos incomparáveis." (Fernando Pessoa)

Encontrei Osmar Prado - ator que possui o dom de transformar personagens secundários em tipos inesquecíveis - quando ele passava defronte ao Palace Hotel, rumo ao Teatro Pedro II, para apresentação do seu espetáculo "Delírio Poético Musical". Mesmo apressado, parou, simpática e atenciosamente, e permitiu-me abraçá-lo: tive meu momento, confesso publicamente, de tietagem, e pude tirar uma foto ao lado do maior ator nacional do momento. É estranho, de repente, dar de cara com alguém que só conhecemos, e muito admiramos, por meio do vídeo, da TV.

Uma hora após, como convidado da Prefeitura Municipal, eu já me preparava para, pela primeira vez, ver ao vivo o Tião Galinha, de Renascer, o caipira Margarido, de Chocolate com Pimenta, o poeta Alencar, de Os Maias, Francisco Albuquerque, de Desmundo, o Júnior, da antiga Grande Família, o homossexual de A Hora Marcada, o lunático Sérgio Cabelreira, de Pedra sobre Pedra, o

Loabato, alcoólatra que luta para se livrar do vício em O Clone, o mulherengo Tabaco de Roda de Fogo.

Mas quase me estragam a concentração e a satisfação do momento quando fui obrigado a assinar um bendito livro de presenças: sem assinatura eu não receberia meu bilhete de ingresso. Todas as demais pessoas entravam por uma outra porta, sem maiores constrangimentos, porque haviam trocado, antecipadamente, um livro por um ingresso.

Resolvi então que desse jeito não quero mais ser convidado especial de porcaria nenhuma. Prefiro levar meu livro, trocar por um ingresso, e entrar como um comum, no momento que eu bem desejar, sem assinar livro nenhum: e pronto.

Mas o espetáculo valeu a pena. A coreografia de Vânia Penteado, literalmente voando ao som da melodia de Jurema Fontoura, imprimiu em minhas retinas e no meu coração, imagens mistas de boa música (Chico

Buarque, Vinícius, Tom Jobim, Renato Teixeira), universal poesia (Mário Quintana, Fernando Pessoa, Juan Guelmam) e luz, muita luz, exterior, do palco, e interior, do mais profundo âmago de um ator que faz rir com seu senso de humor e sorriso largo, mas que também faz chorar, por meio da impecável apresentação que transborda uma sensibilidade à flor da pele e que se transmite a toda platéia por meio do brilho constante no olhar de quem faz do palco um local sagrado, o seu lugar, a sua vida.

Em breve resumo, sentado no chão do palco, Osmar Prado falou dos dez anos de estudos de técnica vocal que o levaram, juntamente com o aprendizado no palco, na TV e no cinema, a nos brindar com tão agradável noite, apesar da burocracia oficial de um grupo de forasteiros que se acham no direito de administrar, como se fora propriedade particular, os próprios públicos que são meus, e dos cidadãos que fizeram dessa nossa cidade o que ela é.

Na apresentação da Orquestra Sinfônica, no dia do aniversário de Ribeirão Preto, 148 anos de minha cidade, perdi o ânimo de ir: fui convidado, mas não quis ser obrigado a, novamente, assinar um livro para entrar num local para o qual fui "convidado": preferi ficar com a apresentação de Osmar Prado que me propiciou momentos inesquecíveis e incomparáveis e me fez sentir coisas inexplicáveis.

(*) Presidente da ARL e ARE

F. Rodrigues



"O PONTO NOBRE DAS CARNES NOBRES"

Linha especial de peixes e frutos do mar

Sistema de Embalagem Freezer e Crayovac

Entregas em Domicílio

Av. Senador César Vergueiro, 560 - Jardim Irajá - Ribeirão Preto - SP
CEP 14020 - 510 - Telefones: (16) 623 6448 / 623 3459 / 620 1399

O Telúrico e o Universal em Nilda Parisi

Waldomiro W. Peixoto (*)

"Não, meu coração não é maior que o mundo. É muito menor. Nele não cabem nem as minhas dores. Por isso gosto tanto de contar." (Mundo Grande - Drummond)

Nilda Parisi é daqueles poetas que fazem do lirismo e da delicadeza as armas para desvendar a alma de sua gente, de sua terra. Em alguns momentos, até a alma de leitores distantes de seu torrão natal. Isso porque, apesar da forte cor local, sabe contar - melhor seria cantar - com pertinência temas de apelo também universal.

Outras duas características muito presentes em sua poética são o ritmo e a musicalidade. Bebe na fonte das cantigas populares e há forte presença de temas ligados às coisas do povo, lendas, mitos, "causos", assuntos de família ligados a filhos, pais, amigos e datas cívicas. Um dado técnico que comprova a presença dessa musi-

calidade de intenso ritmo popular é a utilização de versos de cinco e sete sílabas, as redondilhas menor e maior muito do gosto do povo.

Os temas que tratam de sua terra - Monte Santo de Minas - e sua gente têm um apelo muito grande junto aos leitores locais, mas lograrão também apelo de pessoas fora da influência regional, por haver uma beleza poética intrínseca ao texto que agrada leitores de outras paragens. O leitor local vai identificar a lenda, o mito, o menino das ruas da cidade, o andarilho, a igreja, a praça, o passeio, as montanhas, a paisagem montesantense. E o leitor não local poderá não identificar tais assuntos com a propriedade do montesantense, mas transferirá com certeza para sua realidade particular os códigos poéticos utilizados pela autora. Essa transferência que ocorre entre autora e leitores, mesmo ambos tendo vivido realidades diferentes, é uma das funções da poesia: o autor

codifica e o leitor decodifica, cada um utilizando os referenciais de suas realidades particulares.

Essa face mais universal da poesia de Nilda Parisi aparece com mais nitidez nos poemas que tratam de amor, frustração, desengano, desencanto, dor, morte, tristeza, saudade, crítica social, juventude e velhice, desilusão religiosa, guerra e paz e outros. São temas caros a todos os povos, em todos os tempos, portanto sem fronteiras.

Ao longo da leitura dos poemas, encontram-se mais estrofes rimadas do que versos brancos e mais versos metrificadas do que livres. Isso nos remete a uma poesia tradicional, sem a pretensão de ser moderna e criar uma linguagem nova. E talvez nesse jeito conservador de exercer sua poética, sem a pretensão de buscar formas novas e originais, resida a beleza e o encanto de seu canto, como revela em Saudade do Poeta: "Uma inspiração renasce / não sei de onde, mas... / Sei que chega ao coração / E a poesia sobrevive / Encharcada de emoção."

"Uma Caneta e um Coração" presenteia-nos com belos poemas,

alguns deles com extremo lirismo e de uma beleza singela, tocante, como **A Bailarina, Calçadão de Monte Santo, Canto do Canto, Ciranda Triste, Desgosto** e tantos outros. Só para demonstrar um dos pontos altos de sua poesia, registrem-se estes versos de... **E Eu Sou Poeta**: "Porque sou poeta / Tento resgatar confiança / Procuo cacoc de esperança E cato, assim, meus versos na rua..."

Ou ainda as lembranças de infância tratadas com tanta delicadeza e lirismo em **Quem Dera**: "Meus brinquedos estão guardados / Bem junto à minha infância / Um tanto em cada canto / No meu coração / Na minha alma / Na minha mão."

Como o poeta itabirano, Nilda Parisi também não se contém e solta "seu corpo pra voar com a alma", vai morar numa estrela, vê o mundo de sua janela, "Talvez o grande segredo de Deus!" (Transcendência).

(*) Membro da ARL e ARE e Grupo Flamboyant

A Carta de Amin Antônio Calil

Antônio Carlos Tórtoro (*)

Para mim, um dos momentos mais tocantes da sessão solene em comemoração aos 100 anos da ACIRP foi o da leitura da carta que o presidente Amin Antônio Calil deixou ao atual presidente, Francisco Carlos Pinghera. Escrita há precisos 50 anos, no dia da inauguração da sede da entidade, a carta deixa transbordar todo um sentimento de impotência diante da imponderabilidade do futuro.

Não é possível, hoje, imaginarmos como será a Ribeirão Preto de 2054, tendo em vista a rapidez com que as coisas acontecem. Somente para mencionarmos uma das novidades do mundo atual, a Internet, invenção tão recente e revolucionária, nem em sonho poderia ter sido prevista, naquele momento, por Calil.

Imaginei o autor do texto - enquanto ouvia a leitura feita em voz embargada pela emoção, por Pinghera sentado diante de sua máquina de escrever, com uma folha de carbono, para ficar com uma cópia dele em seu arquivo particular. Sobre a escrivinha, ao lado de Pinghera, uma pilha de documentos - os mesmos depositados no baú e aberto durante a solenidade - no coração um sentimento de dever cumprido, e, no olhar, perdido num

quadro qualquer, pendurado na parede, uma tentativa de vislumbre do que seria a sua Associação Comercial no longínquo ano de 2004.

Ao escrever, "meu caro colega" tentou Calil imaginar um rosto, uma expressão, uma fisionomia que carregasse em si algo que pudesse dar-lhe a confiança de que o futuro da ACIRP estaria em boas mãos, mas foi difícil imaginar um rosto, tendo em vista que, como escreveu naquele momento, "talvez, na data de hoje, você ainda não tenha vindo ao mundo."

Passando os olhos pelo jornal "A Cidade" daquele 8 de agosto de 1954, tentou Calil imaginar como seriam dadas as notícias do centenário em um tempo de "grande progresso da civilização e das atividades econômicas" e sentia um leve temor de que o receptor daquele texto, ao lê-lo, já teria "menosprezado aquilo que hoje achamos que foi um grande esforço da nossa parte."

Então, Calil balançou a cabeça, mentalmente disse um não àquelas idéias que, por instantes, o incomodaram e escreveu: "Mas isto não vae ao caso, pois, sem a história, não há tradição."

E prosseguiu - seguro como sempre, determinado, embasado em

"experiência adquirida ante as dificuldades da comemoração (50 primeiros anos) da nossa Associação" - a escrever seu texto histórico e premonitório, que pretendia ser, naquele momento, uma fonte literária inesgotável de energia a incentivar o presidente do centenário, tendo em vista que, naquele momento "... dos remanescentes da sua fundação, já estavam quase todos desaparecidos, como também os seus descendentes."

Terminado o texto, curto, objetivo, com uma única palavra "Felicidade!", aconchegou-o no baú, lacrou, passou a mão, levemente, pela calva e prosseguiu no seu trabalho, incansável e decidido como sempre.

Hoje, ao reler essa carta, publicada em um jornal da cidade, como presidente da ARL - Academia Ribeirãopretana de Letras, que chegará, no mês de outubro aos seus 57 anos, sinto a mesma angústia, sou possuído pelas mesmas dúvidas sentidas por Calil, por não saber como chegaremos ao nosso centenário. Tenho medo de que os futuros acadêmicos menosprezem aquilo que realizaram meus antecessores e que hoje nos custa um grande esforço, devido à falta de interesse de alguns membros pelas atividades atualmente desenvolvidas pela ARL.

(*) Presidente da ARL e ARE

Calar

Se no teatro /na vida: perigoso é falar, pois o tom ou as próprias palavras poderão dizer diferente da fala almejada; perigoso é escrever, as frases poderão fugir das idéias/ sentimentos; perigoso é brincar, o entretenimento poderá dar margem a dúbia interpretação; perigoso é ouvir, a escuta poderá suscitar inesperadas respostas; perigoso é interpretar/ viver.

O melhor nesta situação é se calar. Se for palco de teatro verdadeiro, sair de cena; se for palco da própria vida, melhor é morrer.

Enlevo

Acariciar teus cabelos / tocar tua pele, / beijar teus lábios / sugar teus mamilos / penetrar tua alma / e lá ficar...

Antônio Ruffino Netto
Membro da ARL e da ARE.

DROGARIA PORTUGAL
Recebemos contas de Luz e Telefone
AV. PORTUGAL, 1720 - RIBEIRÃO PRETO - SP

Entregas e aplicações em domicílio
(16) 623 5648
621 8575

www.thertulia.com.br
THE TÚLIA
ESPAÇO CULTURAL
Livros Filmes Internet Café
Rua João Penteado, 1721 - (16) 3931 2240 - Rib. Preto - SP